

A DIDATIZAÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL TIRAS EM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA APROVADO PELO PNLD 2017-2019

Maria do Desterro Vieira de Araújo (UESPI)
desterrovieira14@gmail.com

Wellington Carvalho de Arêa Leão (UFPI)
weleao@gmail.com

RESUMO: As tiras constituem-se de um conjunto de gêneros ligados às histórias em quadrinhos, com ampla carga semântica e de leitura agradável, que fazem delas um excelente instrumento didático, as quais estão presentes em grande quantidade no livro didático de Língua Portuguesa. Em virtude disso, este trabalho pretende analisar a forma como a multimodalidade, presente nesse conjunto de gêneros, é trabalhada pelos questionários do livro didático do 8º ano da coleção “Português: linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, aprovado pelo PNLD 2017-2019. A pesquisa é de caráter quantitativo e exploratório, tendo com respaldo a bibliografia de Ramos (2009), Mendonça (2010), e Vergueiro (2018a), (2018b), dentre outros, bem como em orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da Base Nacional Comum Curricular. O *corpus* de análise é constituído por questionários referentes ao gênero, para isso foram selecionadas três tiras da série analisada, cujas semioses são passíveis de um estudo significativo e que atribui sentidos nos alunos, com vistas na verificação da existência de uma associação entre as múltiplas semioses e os conhecimentos de mundo deles, de modo que seja promovido o seu desenvolvimento como sujeitos leitores e críticos, ou se a apreciação desse gênero se dá apenas com o intuito de fazer análises de cunho normativo. Como resultados, verificou-se que, nas tiras analisadas há recorrência na promoção do estudo da multimodalidade, mesmo que de forma velada, por meio de exercícios disponibilizados, porém a criticidade do aluno ainda não tem sido vislumbrada de forma específica, tendo em vista que o caráter gramatical ainda se sobressai, em detrimento à construção de sentido e formação reflexiva desse aluno.

Palavras-chave: Tiras. Didatização. Livro didático.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre a didatização do gênero tiras nos Livros Didáticos (LDs) de Língua Portuguesa (LP), especificamente no livro do 8º ano da coleção “Português: linguagens” aprovado pelo PNLD 2017-2019 e publicada pela editora

Saraiva, tendo como problemática a questão da abordagem da multimodalidade nesse compêndio.

Trata-se de um tema bastante em voga na atualidade, em vista das inúmeras inovações tecnológicas que culminaram no surgimento de novos gêneros textuais que são transpostos para os LDs, especialmente de LP, sob o intento de trabalhar os aspectos relacionados à linguagem neles empregada. São textos constituídos por enunciados verbais e elementos visuais, cuja associação é fundamental para uma compreensão eficiente de seu conteúdo, uma vez que ambos os elementos trazem uma carga semântica bastante significativa e propícia para análise, a qual deve ser trabalhada pela escola, a fim de desenvolver as competências do alunado acerca das variedades de informações contidas em textos dessa natureza.

Há uma infinidade de gêneros que apresentam multisseioses em sua constituição, entretanto, a título de delimitação, este trabalho dará primazia ao gênero tiras, pois além de ser um dos mais utilizados em LDs, apresenta uma linguagem de fácil compreensão e traz, como temática, questões sociais diversificadas, apresentando um caráter humorístico e, por vezes, crítico e denunciativo.

Nesse sentido, sob a hipótese de que o trabalho com textos multimodais não aborda, em sua totalidade, a relação estabelecida entre o verbal e o imagético, restringindo-se, muitas vezes, às questões gramaticais, esta pesquisa tem, portanto, como problemática a exposição de como os LDs abordam as múltiplas semioses presentes no gênero tiras, e se esse livro tem contemplado o caráter multimodal desse gênero como norteador da formação de um sujeito leitor crítico ou apenas utilizam-no como meio para o trato das questões de âmbito gramatical.

Sob a ótica dos PCNs (BRASIL, 1998), o ensino deve contemplar a diversidade de gêneros e tipos textuais, tanto em função de sua relevância para a sociedade, quanto pelo fato de os diversos gêneros serem organizados distintamente.

Nessa espreita, entende-se que em vista do caráter multimodal do gênero aqui analisado, torna-se relevante compreender como ele é trabalhado no LD, no sentido de contribuir para a formação do leitor crítico e capaz de atribuir sentidos a

textos que tenham em sua constituição a associação entre imagem e palavra, característica cada vez mais presente nos gêneros textuais.

Trata-se de um texto dissertativo de natureza bibliográfica e caráter exploratório e quantitativo, tendo como respaldo teórico os textos de autores como Cagnin (1975), Ramos (2009), Mendonça (2010), Vergueiro (2018a) e (2018b), dentre outros, bem com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

2 O SURGIMENTO DO GÊNERO TEXTUAL MULTIMODAL TIRAS

No tocante ao surgimento desse gênero em análise, para Lanonne (1994 *apud* MENDONÇA, 2010), os precursores das HQs, nos moldes atuais, surgiram na Alemanha no início do século XIX.

Vergueiro (2018a), por sua vez, defende que apesar das HQs terem sido encontradas por diversas partes do mundo, foi nos Estados Unidos no final do século XIX onde alcançaram maior destaque, devido à consolidação dos elementos tecnológicos e sociais, transformando-as, como afirma o autor, em um “produto de consumo massivo” (VERGUEIRO, 2018a, p. 10).

Foi então, na década final do referido século, que Richard Felton Outcault criou a HQ *Yellow Kid* (Menino Amarelo), publicada nas páginas dominicais do jornal *New York World* (MENDONÇA, 2010) e tendo os migrantes como público alvo e a comicidade como conteúdo, apresentando desenhos predominantemente satíricos e personagens caricaturescos (VERGUEIRO, 2018a).

As tiras, por sua vez, surgiram devido à falta de espaço dos jornais para o entretenimento, por isso seu formato característico, sendo Bud Fisher o pioneiro desse gênero, segundo Patati e Braga (2006 *apud* NICOLAU, 2007).

A grande inovação referente à *Yellow Kid* diz respeito à disposição do texto que antes era encontrado no rodapé, e nela passou a vir junto aos personagens, conferindo-lhe maior vitalidade. Posteriormente, houve a incorporação dos balões que foram convencionados como “o **locus** da linguagem verbal nas HQs” (MENDONÇA, 2010, p. 210 - grifo do autor).

Posteriormente a ela, além do surgimento das tiras publicadas diariamente, as temáticas diversificaram-se e, com a contribuição dos *syndicates*, os quadrinhos em conjunto com o cinema, promoveram a propagação a cultura americana pelo mundo (VERGUEIRO, 2018a).

A evolução prosseguiu e, como afirma Vergueiro (2018a), no final dos anos 1920 as histórias de aventura trouxeram nos quadrinhos a aproximação entre os desenhos e a representação real de pessoas e objetos. Concomitantemente, surgiram os *comic books*, conhecidos no Brasil como gibis, como veículo difusor dos quadrinhos.

Em seguida, o contexto da Segunda Guerra Mundial, após o aparecimento dos super-heróis, contribuiu para que os quadrinhos alcançassem maior notoriedade e seu consumo se massificasse (VERGUEIRO, 2018a).

O término do conflito, por sua vez, levou ao surgimento de novos gêneros, com destaque para as histórias de terror e suspense, que também contribuíram para o aumento da popularidade das HQs, entretanto deram margem à desconfiança da sociedade no que se refere à influência dos quadrinhos sobre seus leitores (VERGUEIRO, 2018a).

Foi nesse contexto de preocupação que, a partir do período do pós-guerra e da Guerra Fria, o psiquiatra Fredric Whertam passou a investir em campanhas de oposição aos quadrinhos, alegando malefícios que sua leitura poderia trazer aos adolescentes. Além de artigos em jornais e revistas especializadas, o psiquiatra publicou o livro intitulado “a sedução dos inocentes”, que culminou na depreciação dos produtos da indústria dos quadrinhos (VERGUEIRO, 2018a).

Em 1940, havia sido elaborada pela *Association of Comics Magazine* um *Comics Code*, uma proposta de depuração das publicações dos quadrinhos, no intento de comprovar que seu conteúdo era inofensivo ao desenvolvimento moral e intelectual dos jovens. No entanto, com o advento do livro, houve a necessidade da elaboração de um código com maior detalhamento, este, fixado na capa de todas as revistas em quadrinhos (VERGUEIRO, 2018a).

A medida, entretanto, teve efeito extremamente negativo e inverso ao pretendido, culminando na mediocridade dos quadrinhos, como corrobora Vergueiro (2018a):

Por um lado, sob o ponto de vista do mercado, gerou o desaparecimento de grande número de editoras, algumas com propostas bastante avançadas em termos de elaboração de conteúdos temáticos e reconhecimento da produção intelectual de roteiristas e desenhistas, tendo como consequência principal a pasteurização do conteúdo das revistas.

Por outro lado, isto fez com que qualquer discussão sobre o valor estético e pedagógico das HQs fosse descartada nos meios intelectuais, e as raras tentativas acadêmicas de dar algum estatuto de arte aos quadrinhos logo seriam encaradas como absurdas e disparatadas (VERGUEIRO, 2018a, p. 13).

Conclui-se disso que, além dos ataques infundados, a queda dos quadrinhos teve como agravante a aplicação desse código, uma tentativa frustrada de resgatar sua credibilidade frente à sociedade da época. Seu efeito foi, assim, o empobrecimento estético e a retardação de seu desenvolvimento e de sua utilização como recurso didático.

A negativa aos quadrinhos não esteve restrita aos Estados Unidos, embora nesse país tenha ocorrido de forma mais radical. No Brasil, por exemplo, foi elaborado um código específico semelhante ao norte-americano: o código de ética dos quadrinhos (VERGUEIRO, 2018a).

Conseqüentemente, ocorreu a estigmatização do gênero, sendo atribuída a ele uma série de malefícios ao desenvolvimento cognitivo de seus leitores. No âmbito pedagógico, não foi diferente, como afirma Vergueiro (2018a):

[...] qualquer ideia de aproveitamento dos quadrinhos em ambiente escolar seria, à época, considerada uma insanidade. A barreira pedagógica contra as histórias em quadrinhos predominou durante muito tempo e, ainda hoje, não se pode afirmar que ela tenha realmente deixado de existir. [...] (VERGUEIRO, 2018a, p. 16).

Diante do exposto, observa-se que ao longo da história as HQs alcançaram grande prestígio desde o seu surgimento, no entanto, à medida que seu consumo aumentou beirando a massividade, a sociedade passou a vê-las como malélicas, culminando em sua depreciação inclusive em contexto pedagógico.

Nesse sentido, a próxima subseção traz as HQs já a partir da concepção artística e educativa, partindo, também, do texto de Vergueiro (2018a).

2.1 As tiras como um subgênero das HQs

Quando se fala em quadrinhos, logo se pensa em histórias narradas em quadros organizados sequencialmente, o que de fato ocorre. Entretanto, as nomenclaturas usadas para designar essas narrativas acabam confundindo o leitor, uma vez que, em geral, trata-se de gêneros textuais muito semelhantes.

A respeito disso, Ramos (2009) chama a atenção para a extrema dificuldade em se nomear os gêneros das histórias em quadrinhos. Para o autor, isso decorre do desconhecimento das características destes.

Nessa variedade de gêneros chamados de Histórias em Quadrinhos, ressalta-se que, “**Quadrinhos** seriam, então, um grande rótulo, um hipergênero¹, que agregaria diferentes outros gêneros, cada um com suas peculiaridades” (RAMOS, 2009, p. 20 - grifo do autor).

Maingueneau (2006) tem uma noção distinta de hipergênero, desconsiderando-o como gênero do discurso historicamente definido. Segundo o teórico o termo refere-se a:

[...] categorizações como “diálogo”, “carta”, “ensaio”, “diário”, etc. que permitem “formatar” o texto. Não se trata, diferentemente do gênero do discurso, de um dispositivo de comunicação historicamente definido, mas um modo de organização com fracas coerções que encontramos nos mais diversos lugares e épocas e no âmbito do qual podem desenvolver-se as mais variadas encenações da fala (MAINGUENEAU, 2006, p. 244 *apud* REZENDE, 2017, p. 20 – grifos do autor).

Depreende-se, assim, que na visão desse teórico, o hipergênero denomina gêneros com menor imposição estrutural, isto é, por estarem mais próximos da conversação, são menos preditivos do que os gêneros institucionalizados, que são convencionados socialmente.

Desse modo, tendo em vista a variedade de gêneros integrantes desse hipergênero, Ramos (2009) cita, dentre eles, o cartum, a charge, a caricatura e as

¹ Por hipergênero, compreende-se que se trata de um rótulo em comum para uma variedade de gêneros, isto é, uma categoria que engloba gêneros diversos. Segundo Bonini (2011), esse termo designa um agrupamento de gêneros, constituindo “uma unidade de interação maior (um grande enunciado)” (BONINI, 2011, p. 691).

tiras, que são classificadas pelo autor em três tipos: tiras cômicas, tiras seriadas e as tiras cômicas seriadas.

Mendonça (2010), por outro lado, além desses, cita também as HQs e, quanto às tiras, as classifica de forma distinta. Para ela o gênero está dividido em duas categorias: as sequenciais e as fechadas. As tiras fechadas, por sua vez, apresentam dois subtipos: as tiras piada e as tiras episódio.

Esses subgêneros, como remete o nome, enquadram-se na categoria de gêneros dos quadrinhos por seu desenrolar ocorrer na forma de desenhos enquadrados. Mendonça (2010) apresenta a distinção entre alguns desses gêneros estabelecida por Fernando Moretti (2001):

[...] em geral, a caricatura – deformação das características marcantes de uma pessoa, animal, coisa, fato [...] O cartum surgiu depois da charge, e é uma forma de expressar ideias e opiniões, seja uma crítica política, esportiva, religiosa, social, através de uma imagem ou uma sequência de imagens, dentro de quadrinhos ou não; podendo ter balões ou legendas. A charge “envelhece” como a notícia, enquanto o cartum é mais atemporal (MORETTI, 2001 *apud* MENDONÇA, 2010, p. 212).

Vê-se, desse modo, que os gêneros dos quadrinhos compartilham de algumas características, apresentando, muitas vezes, diferenças tênues que acabam por dificultar a distinção entre eles.

No livro didático analisado, por exemplo, é observável uma grande variedade de quadrinhos, sejam eles cartuns, charges, tiras e, raramente HQs, que, por vezes, não são especificados pelos autores, quer dizer, algumas ocorrências desses subgêneros não são especificadas, sendo enunciados simplesmente como quadrinhos.

Logo, a distinção entre esses subgêneros é necessária e deve ser feita levando em conta critérios de classificação diversos como: predomínio tipológico, conteúdo, suporte etc.

2.2 Em busca de uma classificação do gênero textual multimodal tiras

É verificável que não há um consenso teórico a respeito da quantidade de quadrinhos que deve compor as tiras, no entanto Cagnin (1975) afirma poderem

chegar a cinco para dá significado ao leitor, mas, por outro lado, Vergueiro (2018b) que não aborda esse aspecto, apresenta exemplos de até nove quadrinhos.

Quanto à divisão do gênero, como mencionado anteriormente, os autores utilizam termos distintos para nomeá-lo. Mendonça (2010), por exemplo, o divide em duas categorias, porém, não se atém ao tratamento das tiras sequenciais, menciona apenas o fato de serem fragmentos de narrativas maiores.

Desse modo, fazendo um paralelo entre as teorias, depreende-se que essas tiras equivalem às tiras seriadas e as tiras cômicas seriadas citadas por Ramos (2009), o que se torna evidente ao observar o que o autor afirma a respeito dessas classes de tiras. Segundo ele:

As **tiras seriadas** (podem ser chamadas também de **tiras de aventuras**) [...] estão centradas numa história narrada em partes. [...] cada tira traz um capítulo diário interligado a uma trama maior. Se as tiras forem acompanhadas em seqüência (*sic.*), funcionam como uma história em quadrinhos mais longa. É muito comum o material ser reunido posteriormente na forma de revistas ou livros. [...] A **tira cômica seriada** fica na exata fronteira que separa a tira cômica da tira seriada. Trata-se de um texto que usa elementos próprios da tira cômica [...] (RAMOS, 2009, p. 27-28 - grifos do autor).

Como se nota, as tiras sequenciais configuram-se, de fato, como fragmentos de histórias em quadrinhos, pois além de serem reunidas nestas, apresentam-se como partes de uma narrativa maior, publicadas por capítulos.

Quanto às tiras fechadas, estão divididas, como mencionado anteriormente, em dois subtipos. O primeiro, diz respeito às tiras piada ou, como denomina Ramos (2009), tiras cômicas, sobre as quais Mendonça (2010) ressalta, em sua caracterização, o fato de assemelharem-se às piadas, o que se deve ao uso de recursos como a duplicidade de sentidos para a obtenção de humor.

Por sua vez, Ramos (2009) complementa afirmando serem as mais frequentes em jornais, além de serem tipicamente curtas, com estrutura rígida no formato de retângulo. Outras características são o desfecho inesperado e a presença de personagens, que podem, ou não, ser fixos.

Na tira episódio o humor baseia-se “especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens” (MENDONÇA, 2001 *apud* MENDONÇA, 2010, p. 214).

Até aqui, observa-se que um dos aspectos distintivos entre HQs e tira é sua estrutura, isto é, as tiras são menores que as HQs, podendo haver uma reunião de alguns tipos para constituírem essas narrativas maiores. Além disso, as tiras, embora não seja regra, têm formato predominante de retângulo, já as HQs dão margem à variação de formatos.

Em se tratando do veículo de circulação, os gibis são destinados às HQs, enquanto as tiras são predominantes em jornais e revistas, havendo preferência por tiras fechadas, pois além de serem sintéticas, ocupando pouco espaço, seu desfecho ocorre em apenas uma edição, o que é mais atrativo para os leitores (MENDONÇA, 2010).

Em relação à temática, além do humor, as tiras podem apresentar sátiras de aspectos econômicos e políticos de um país, além de reflexões acerca de fatos cotidianos e globais, como aduz Mendonça (2010). Portanto, pode-se dizer que seu objetivo consiste em denunciar e levar seu público ao questionamento e à autocrítica, como assegura Nicolau (2007).

Além dos aspectos já pontuados, as tiras, assim como o hipergênero da qual se originaram, são constituídas pela interação entre o icônico e o verbal que, atuando em conjunto, possibilitam a compreensão do texto. Isto é, esses gêneros se valem da interação entre a linguagem visual (desenhos e sinais gráficos com funções específicas) e a linguagem verbal como estabelecedoras da significância geral da narrativa para a qual ambas possuem papel determinante, como postula Vergueiro (2018b).

Assim, é de natureza dos quadrinhos, especialmente HQs e tiras, essa integração entre o desenho e o texto verbal que requer um exercício cognitivo constante do leitor, uma vez que a interpretação efetiva da narrativa só será possível mediante a associação entre as semioses disponíveis no texto, bem como o conhecimento cultural do interlocutor.

Tendo em vista o grande número de recursos semióticos (visuais e verbais) presentes nesse gênero, esses elementos serão tratados nas subseções a seguir, com vista à exposição de alguns dos recursos mais relevantes para a apreensão das informações contidas nos gêneros aqui caracterizados.

2.3 Semioses visuais constituintes dos gêneros quadrinhísticos

Os quadrinhos, como gêneros multimodais, apresentam elementos visuais essenciais para a compreensão da narrativa. Trata-se de recursos icônicos amplamente utilizados e característicos desses gêneros que conferem sentido à narrativa, sendo, portanto, um aspecto de fundamental importância para a interpretação da trama quadrinhística.

Por serem carregadas de significados, é inviável cogitar a desconsideração das semioses visuais em um gênero como a tira, no qual todos os elementos, em associação com o verbal, representam um signo em particular e, portanto, essencial para o entendimento do enredo como um todo.

O primeiro elemento a ser abordado aqui é o quadrinho ou vinheta, elemento considerado por Vergueiro (2018b) como a unidade mínima da narrativa dos gêneros quadrinhísticos e definido como: “[...] a representação, por meio de uma imagem fixa, de um instante específico ou de uma sequência interligada de instantes, que são essenciais para a compreensão de uma determinada ação ou acontecimento. [...]” (VERGUEIRO, 2018b, p. 35).

Diante disso, como corrobora Ramos (2009), o quadrinho funciona como uma delimitação da ação retratada, agrupando, além dos personagens, o espaço e o tempo em que ocorrem a narrativa.

Ressalta-se que, eles são organizados em sucessão, o que ocorre de acordo com o sentido em que se dá a leitura, isto é, da esquerda para a direita e do alto para baixo. Ordem esta seguida também no interior dos quadros pela disposição dos personagens, fala e representação temporal.

Os formatos e as linhas das vinhetas são variáveis. Os formatos são geralmente retangulares ou quadrados, porém, atualmente, tem se utilizado formatos diversificados com vista ao rompimento da monotonia, mas que acabam por comprometer a compreensão, em se tratando de leitores pouco familiarizados com essas inovações gráficas (VERGUEIRO, 2018).

Além disso, Cagnin (1975) enfatiza que nas tiras diárias há uma imposição esquemática sobre formato do quadrinho, por isso em geral são iguais e em formato retangular.

No que se refere às linhas de contorno, Vergueiro (2018b) afirma:

[...] possuem função informativa. Linhas contínuas, sólidas, envolvendo as imagens, indicam que a ação retratada ocorre num momento real, presente – verossímil, portanto. Imagens enquadradas por linhas pontilhadas são representativas de um acontecimento ocorrido em tempo pretérito ou podem mesmo representar sonho ou devaneio de algum personagem [...] (VERGUEIRO, 2018, p. 38).

Essa informatividade das linhas de contorno, portanto, são eficientes na interpretação das tiras e HQs, visto que por meio delas é possível distinguir fatos verossímeis de sonhos. Além dessa característica das linhas, é importante mencionar que são elementos passíveis de participação metalinguística na história e, por vezes, omitidos.

No tocante aos personagens, Ramos (2009) os correlaciona com a ação narrativa, à medida que sua expressão facial e movimentos podem transmitir parte dos elementos da narrativa, possibilitando a compreensão do estado de espírito dos personagens que, por vezes, necessitam da associação com a postura corporal, como menciona Cagnin (1975).

Assim, por serem as imagens desprovidas de movimento, faz-se necessário o uso de elementos que deem a ideia de mobilidade e representem os estados emocionais dos personagens, além de outros que ilustram a mudança de tempo na narrativa.

Além desses elementos, faz-se uso também de sinais gráficos como forma de dar ênfase a sentimentos e ideias dos personagens e de reforçar o conteúdo verbal, ajudando o leitor a inferir informações acerca dos fatos ilustrados. Sinais gráficos são compreendidos assim: “signos ou convenções gráficas que tem relação direta ou indireta com expressões do senso comum [que] possibilitam um rápido entendimento da ideia” (VERGUEIRO, 2018b, p. 54).

Esses signos icônicos são utilizados inclusive sem que haja associação com o texto verbal, sendo possível, apesar disso, a compreensão do texto sem maiores dificuldades, entretanto, considerando-se o contexto presente na tira, seu sentido muda em relação ao real, demandando o conhecimento de mundo do leitor para que a interpretação ocorra de forma significativa, possibilitando ao leitor o preenchimento dos vazios que poderiam surgir devido à ausência de movimento.

A mobilidade da imagem geralmente é promovida pelo uso de linhas cinéticas ou figuras cinéticas que podem ocorrer de três formas: a primeira consiste na representação da trajetória do objeto ou personagem mediante o uso de signos de contornos ligados a eles; a segunda, representando-a por meio de linhas cinéticas; a terceira, desenhando-se o corpo diversas vezes simulando etapas do movimento ou a reproduzindo apenas seu contorno ou de parte dele várias vezes (RAMOS, 2009).

As elipses (quebra da narrativa) também são cruciais para tornar a leitura um processo ativo, fazendo com que o leitor se aproprie do texto, construindo o sentido. Por isso, quanto maior a lacuna, o leitor terá que aplicar seus conhecimentos de mundo ao contexto da narrativa, de modo que possa inferir nas informações suprimidas.

Os elementos aqui abordados são todos decisivos para a constituição do significado do texto, mas não são os únicos que se pode elencar, em vista da variedade de imagens e recursos visuais.

Viu-se, portanto, que os quadrinhos são gêneros icônico-verbais, ou seja, além das semioses visuais, sabe-se que os eles têm, caracteristicamente, a semiose verbal que, muitas vezes está presente nesses gêneros em menor quantidade, o que não significa que possa ser ignorada ou que seja menos significativa.

3 TIRAS E MULTIMODALIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

A multimodalidade tem estreita relação com as inovações tecnológicas, tendo sido o contexto tecnológico o favorecedor de um ambiente propício ao emprego das mais diversas semioses na constituição dos gêneros, por meio da informática que a cada dia tem influenciado com mais expressividade as práticas sociais.

Foi esse ambiente tecnológico também o proporcionador das condições necessárias para o surgimento das tiras. Assim, observando a significativa presença, tanto de textos multimodais em geral, como de tiras em quadrinhos (TQ) nos livros didáticos e compreendendo que são conteúdos de suma importância para o trabalho em sala de aula, pretende-se aqui, analisar como os Parâmetros Curriculares

Nacionais (PCNs) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) abordam esses conteúdos.

Em vista das transformações nas formas de uso da linguagem decorrentes das inovações tecnológicas, a BNCC demonstra extrema preocupação a esse respeito, dialogando com documentos oficiais publicados anteriormente com vista a atualizar-se em consonância com esse contexto tecnológico.

Ao analisar-se o texto da BNCC, no tocante ao componente curricular Língua Portuguesa, entende-se que o documento vislumbra todos os conceitos pertinentes a esse trabalho, atentando para a abordagem da linguagem sob uma perspectiva enunciativo/discursiva. Há também referências recorrentes ao contexto tecnológico e aos textos multissemióticos, ressaltando-se a relevância destes para o desenvolvimento de habilidades do estudante referentes a este aspecto:

Na esteira do que foi proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, **o texto ganha centralidade** na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu **pertencimento a um discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/ uso da linguagem**. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma -padrão, sobre as **diferentes linguagens (semioses)** devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos atividades humanas (BRASIL, 2018, p. 65 - grifos nosso).

Depreende-se, portanto, que a compreensão das múltiplas semioses constitutivas do gênero, sob a ótica da BNCC, é tão relevante para o desenvolvimento das habilidades cognitivas dos estudantes quanto os demais conhecimentos referentes à língua, sendo fundamental a promoção do letramento dos alunos em seu mais amplo sentido, isto é, capacitando-os para fazer uso proficiente de leitura e escrita e das semioses distintas nas práticas sociais, em vista das implicações das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).

Desse modo, à língua portuguesa cabe “proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens” (BRASIL, 2018, p. 65-66).

Partindo disso, os eixos de integração da Língua portuguesa, no contexto da BNCC, são os mesmos reconhecidos pelos PCNs: leitura, oralidade, produção de texto e análise linguística, todos eles com enfoque no tratamento do gênero, seja ele oral, escrito ou multissemiótico, considerando, para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, o contexto de produção, suas funções sociais, entre outros aspectos referentes ao gênero aos quais não será dado espaço, de modo que não se aprofunde muito na temática.

Diante disso, nas orientações da BNCC é reconhecível que os gêneros textuais devem ser tratados como o centro da prática de letramento que, no entanto, não é passível de imposição ou ensino pela escola, cabe a ela apenas a promoção das condições necessárias ao aluno para seu desenvolvimento.

Uma distinção entre a abordagem do gênero nos PCNs com relação à BNCC é a menção aos gêneros multissemióticos: enquanto na BNCC há ênfase ao caráter multissemiótico dos gêneros, vislumbrando a influência das mídias tecnológicas e da cultura digital sobre a produção dos textos; nos PCNs, a referência ao uso de múltiplas semioses/recursos visuais é feita no âmbito da leitura e produção de gêneros como “recursos de natureza suplementar” (BRASIL, 1998, p. 56), “recursos escritos e “recursos gráficos orientadores da interpretação” (BRASIL, 1998, p. 58-59), e em outras ocasiões como “diferentes linguagens” (BRASIL, 1998, p. 90).

Nota-se, por outro lado, que os PCNs sugerem o uso das tiras como gênero de imprensa, nas atividades escolares e a BNCC no sentido de desenvolvimento das habilidades previstas para os anos iniciais e finais do ensino fundamental, sendo consideradas como um gênero de consagração escolar.

As habilidades apresentadas pela BNCC, que tem como enfoque os gêneros multimodais, propõem que os alunos sejam capazes de ir além da fruição dos textos, privilegiando, no caso das tiras, a presença de humor e ironia.

Por isso, depreende-se que as tiras participam de discussões sociais diversas por meio de seu caráter humorístico e irônico, apresentando temáticas distintas. Posição semelhante a essa é adotada por Maliska e Souza (2014), os quais em seu artigo sobre os efeitos de humor e ironia nas tiras de Mafalda recorrem à perspectiva de Sírio Possenti para defender que essas são exemplos explícitos de tiras marcadas pela criticidade, que inclusive são amplamente utilizadas em LD.

Diante disso, as tiras vislumbradas pela BNCC como integrantes do campo jornalístico/midiático são fundamentais para a construção de conhecimentos e desenvolvimento de habilidades referentes à escuta, à leitura e à produção de textos.

Quanto aos PCNs, como já mencionado, não trazem uma especificação a respeito do trabalho com um gênero em particular, mas na seguinte passagem, pode-se inferir que há uma referência às tiras diante da concepção que se tem desse gênero na BNCC:

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem **favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem**, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada (BRASIL, 1998, p. 24 - grifos nosso).

Embora não seja um gênero institucionalizado, ou seja, preditivo como ofícios, dentre outros, as tiras por serem originariamente jornalísticas têm esse caráter crítico, lógico que se pode encontrar exemplos em que o social está menos presente, dando-se ênfase ao humor, mas ainda nesse contexto a fruição estética está presente, configurando-se, assim, como um gênero favorável ao ensino-aprendizagem.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS NORTEADORES DA PESQUISA

Este trabalho foi realizado a partir do método exploratório. Teve como objetivo tornar explícita a forma como é tratada, nos LDs de LP, a multimodalidade no gênero tiras, a partir dos questionários propostos no próprio LD, além de verificar se essa abordagem é colaborativa para a formação de um sujeito leitor crítico.

Para Gil (2007), a pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

O *corpus* de análise é composto por três tiras do 8º ano da coleção “Português: linguagens”, de William Cereja e Thereza Cochar, aprovada pelo Plano Nacional do Livro Didático 2017-2019.

A pesquisa teve uma abordagem de caráter qualitativo, que conforme Goldenberg (1997, p. 34), não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa.

Procurou-se selecionar as tiras que apresentassem maior gama de conhecimentos implícitos, que tratem de temas diversos e que sejam de fácil conhecimento dos alunos, o que torna o processo de análise mais reflexivo, possibilitando a esses, uma atitude crítica em relação ao texto lido.

As tiras de cada volume foram analisadas em um tópico específico, sendo apresentada a trama narrada e maneira como o questionário propõe seu estudo. Por conseguinte, foi possível identificar se a multimodalidade é abordada como forma de se interpretar o texto em sua especificidade, se trabalha apenas a questão da gramática ou se é considerada apenas uma leitura superficial.

5 ANÁLISES DO LD DE 8º ANO

Nos livros didáticos do 8º ano da coleção analisada, é possível encontrar tiras com temáticas diversas, nesse sentido, apresentamos a seguinte tira:

Figura 1 - Tira sobre exame antidoping

(Niquel Nausea — A perereca da vizinha. São Paulo: Devir, 2005. p. 21.)

- A tira cita uma fábula conhecida, estabelecendo com ela uma relação de intertextualidade.
 - Qual é a fábula citada? *A lebre e a tartaruga, de Esopo.*
 - Na fábula citada, por que a tartaruga vence a corrida? *Porque a lebre, durante o percurso, estando bem à frente da tartaruga, resolve dormir e, quando acorda, a tartaruga já havia vencido a corrida.*
 - Que fato surpreendente e atual modifica a fábula citada? *A realização de um exame antidoping. Professor: Pergunte aos alunos o que é esse tipo de exame e para que ele é realizado em competições esportivas.*
 - Por que a tartaruga manifesta surpresa? *Professor: Abra a discussão com a classe. Ela pode estar surpresa porque fazer exame antidoping não faz parte da história em que, com a lebre, ela é personagem, ou porque ela de fato pode ter usado algum tipo de droga e, por isso, vai perder o primeiro lugar.*
- Em relação à frase "Você foi sorteado para o exame antidoping":
 - Indique o sujeito e o predicado. *sujeito: você, predicado: foi sorteado para o exame antidoping*
 - Quem recebe a ação verbal expressa em **foi sorteado**? *A tartaruga, representada pelo pronome você.*
 - Levante hipóteses: Quem pratica a ação verbal? *É provável que seja a comissão julgadora, embora essa informação não apareça na frase. Professor: Chame a atenção dos alunos para o fato de que, no 2º quadrinho, o homem usa uma camiseta com a inscrição "Comissão".*
 - Reescreva a frase, empregando a expressão **a comissão** como sujeito da oração. *A comissão sorteou você para o exame antidoping.*

Fonte: Cereja; Magalhães (2015, p. 62).

Essa tira de Fernando Gonsales é uma paródia da fábula "A lebre e a tartaruga", com referência para as fraudes esportivas. No texto original, os personagens participam de uma corrida, na qual, a lebre, autoconfiante em demasia, considera-se vitoriosa, parando para cochilar enquanto sua oponente prossegue na corrida ainda que lentamente.

Essa parte não é ilustrada na tira, dando a entender que a tartaruga chegou antes da lebre, em alta velocidade (observar a altura em que os competidores estão do solo, sugerindo velocidade, salto), com isso a comissão organizadora do evento leva o animal para a realização do exame antidoping, cujo objetivo é a detecção de drogas no organismo do atleta, fraude que, se comprovada, é punível com a eliminação e julgamento do infrator.

Para a interpretação desse texto, o conhecimento sobre a fábula original é essencial, de tal forma que se possa entender o motivo da tartaruga ter vencido (questão 1b) e também, identificar o que há de inovador na tira em relação a ela.

Além disso, os exercícios possibilitam a reflexão por parte do aluno a respeito da surpresa da tartaruga em ser solicitado o exame, posicionando-se inclusive sobre o fato retratado, isto é, se a tira evitou a ilustração da parte que

justifica a vitória do réptil ou se de fato há condições de ter ocorrido uma fraude na competição.

A segunda questão tem como foco a gramática, mas na 2c, ainda a interpretação se faz relevante.

Pode-se considerar diversos elementos figurativos importantes para o desenrolar da narrativa: as expressões faciais das personagens que, no primeiro quadrinho denota a alegria da tartaruga e, na lebre, decepção; no segundo as expressões se invertem, ficando a tartaruga decepcionada e a lebre muito feliz pela punição em potencial da oponente.

Considerando a intertextualidade entre a tira e a fábula, recorre-se à concepção de Koch e Elias (2003) sobre leitura:

[...] o sentido de um texto é construído na Interação texto-sujeitos e não algo que preexistia a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos [...] (KOCH; ELIAS, 2013, p. 11 *apud* LEMES; VELASQUES, 2015, p.15).

A partir dessa proposição, entende-se a necessidade do leitor ter conhecimento de mundo para que seja capaz de fazer uma leitura produtiva e, portanto, reflexiva do texto, o que é imprescindível também nos gêneros multimodais, cujas semioses remetem ao contexto enunciativo com o qual o leitor deve interagir atribuindo significados ao texto.

Figura 2 - Tira sobre consumismo

Leia a tira a seguir para responder às questões de 1 a 6.

1. No 1º e no 2º quadrinhos da tira:

- Quais são as duas frases em que o adulto faz um questionamento ao jovem?
"Que treco é esse?" / "E quantos você já leu?"
- Qual sinal de pontuação foi empregado nessas falas? Por que ele foi utilizado?
O ponto de interrogação. Trata-se de uma interrogação direta.
- Os questionamentos indicam indignação, sugestão, curiosidade, convite ou surpresa?
Os questionamentos indicam curiosidade.

2. Crie uma fala que poderia ter sido dita pelo adulto no último quadrinho. Uma das frases deve ser interrogativa.
Resposta pessoal. Sugestão: Nossa!! Você comprou esse treco APENAS para se exibir? Ah, essa juventude! Ou: Quer vender ele para mim?

3. Observe as falas do jovem.

- Nas frases ditas por ele, que sinal de pontuação foi empregado? O ponto de exclamação.
- Essas frases indicam surpresa, alegria, entusiasmo, espanto ou indiferença?
As duas primeiras indicam entusiasmo, e as duas últimas indicam indiferença.

4. No 2º quadrinho, o adulto diz: "Nossa!!".

- Com que intenção foi repetido o ponto de exclamação? Foi repetido para marcar um reforço na intensidade da voz.
- O que indica o ponto de exclamação nessa ocorrência? Indica espanto.

5. Na tira, há palavras que foram escritas com letras maiores e em negrito. Quais são elas? De acordo com o contexto, por que foram escritas assim? As palavras são **kindle**, **3.500**, **leu** e **exibindo**. Elas foram escritas assim para mostrar que a personagem destacou essas palavras, falando-as em um tom mais alto, com mais ênfase.

Fonte: Cereja; Magalhães (2015, p. 191).

Esse exemplo apresenta uma temática distinta do primeiro, mas bastante debatida na atualidade: o consumismo. O enredo apresenta um jovem que compra um aparelho tecnológico capaz de armazenar uma infinidade de livros (*e-books*), com o único objetivo de exibi-lo, não usufruindo de sua funcionalidade específica. A crítica aqui tem relação com o hábito que as pessoas, especialmente jovens, têm desenvolvido de comprar simplesmente por exibicionismo.

Porém, o exercício aborda apenas poucos aspectos relacionados aos sentidos dos recursos expressivos utilizados, não havendo espaço para uma maior apreciação do texto, tampouco para uma maior reflexão ou criticidade por parte do estudante.

Na questão 5, necessita-se de um conhecimento básico do aluno sobre os valores expressivos da letra, um dos elementos que constituem a narrativa dos quadrinhos que tem significado mais amplo. Caso o aluno não tenha conhecimento dessa expressividade, esse aspecto deve ser inferido pelo leitor.

Figura 3 - Tira da Turma do Xaxado

Leia este cartum:

(Cedraz. "A turma do Xaxado". *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003, p. 64.)

1. A tira mostra atitudes diferentes diante do mesmo fenômeno. A que se deve essa diferença de atitudes? Ao fato de o fenômeno ocorrer em regiões diferentes, com climas diferentes, e de as pessoas terem expectativas diferentes com relação à chuva.
2. Há, na tira, uma palavra que está grafada de uma forma em um quadrinho e de outra forma no outro quadrinho. Qual é essa palavra? O que explica a diferença de grafia? É a palavra *que*. Ela está grafada na forma *qui* no segundo quadrinho para indicar um traço de pronúncia de uma variedade linguística regional.
3. No 1º quadrinho, a personagem diz: "vem chuva!".
 - a) Escreva, no caderno, uma expressão equivalente ao que a personagem disse, empregando:
 - uma locução verbal; vai chover
 - apenas um verbo. choverá
 - b) Na expressão empregada pela personagem, qual é o sujeito? chuva
 - c) Nas expressões equivalentes à usada pela personagem, a ação indicada pelos verbos refere-se a algum sujeito? Não.
4. O verbo *correr*, empregado nos dois quadrinhos da tira, tem dois sentidos diferentes. Quais são esses sentidos? correr da chuva (para não se molhar) / correr na direção da chuva (para recolher água)

Fonte: Cereja; Magalhães (2015, p. 47).

As tiras podem retratar também as diferentes perspectivas sociais diante de um fato em comum, note-se que, no primeiro quadrinho, a chegada da chuva provoca efeito negativo, enquanto no segundo, é motivo de alegria. Em relação a isso, é possível propor uma discussão entre os alunos do motivo pelo qual as reações se diferem (proposto na 1ª questão), mas, além disso, levantar outras questões, como a variação linguística.

Não é dada margem a uma maior exploração dos elementos visuais, uma vez que as legendas cumprem um papel que poderia ser desempenhado por uma análise mais aprofundadas das imagens: a localização dos personagens. A omissão desse elemento levaria à observação de aspectos como o vestuário e a paisagem em que as crianças estão.

Destaca-se, na análise a tira o estudo do verbo, havendo maior preocupação do questionário em levar o aluno a identificar o verbo e os sentidos por ele apresentados em contextos distintos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das imagens, como bem se enfatizou nesta pesquisa, têm ganhado força nas práticas sociais contemporâneas, implicando a necessidade de multiletrar os sujeitos sociais de modo que, além da leitura e escrita possam atribuir significado a textos verbais e imagéticos.

Nesse sentido, compreende-se que, para formar um sujeito leitor crítico, deve-se promover o desenvolvimento das habilidades do aluno com vista à contemplação de seu caráter social e especialmente o discursivo, uma vez que todo texto é produzido com algum propósito comunicativo, o qual só é alcançado quando em interação com seu leitor efetivo.

Logo, não basta a formação de um leitor capaz de decodificar o signo linguístico, mas que possa interagir com as linguagens, produzindo textos verbais e imagéticos, além de aplicá-los nas mais diversas esferas sócio discursivas, sendo, portanto, um usuário dominante da língua, hábil a utilizá-la de forma eficaz.

A partir das análises realizadas, pode-se concluir que há uma tentativa de se destacar o estudo da multimodalidade nesse livro, porém é possível encontrar também muitos textos que negligenciam a significância dessa linguagem, privilegiando questões gramaticais de forma isolada, e ainda, os que trazem questões de leitura, pouco contribuem para a formação de um leitor crítico, em vista do fato de serem questões as quais propõem leituras superficiais ou limitam a interação do leitor com o texto.

Nessa espreita, a formação do sujeito leitor crítico, consequência do trabalho efetivo com textos diversos, necessita de maior atenção, tendo em vista que muitos dos textos dedicados à gramática são passíveis de análises de aspectos contextuais, relevantes para o desenvolvimento do aluno como sujeito reflexivo.

Considera-se, assim, que o tema aqui abordado é passível de estudos mais aprofundados, em vista de se tratar de uma questão bastante em voga no contexto da globalização e de grande valia para o ensino de LP, que tem se pautado cada vez mais em gêneros multimodais, contudo não se alcançou ainda o propósito de promover uma análise sistemática da multimodalidade, esta, de extrema relevância para a promoção de um letramento múltiplo, essencial ao sujeito da sociedade contemporânea, imerso em tecnologias geradoras de textos multissemióticos.

REFERÊNCIAS

BONINI, Adair. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **RBLA**, Florianópolis, v. 11, n. 3, 2011, p. 679-704. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n3/05.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998. 106p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/SEB, 2018. 468fls.

CAGNIN, L. A. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

CEREJA, William R.; MAGALHÃES, Thereza C. **Português**: linguagens. 8. ed. reform. São Paulo: Saraiva, 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

LEMES, Misael K.; VELASQUES, Raíra P. Uso de tiras humorísticas no ensino de língua portuguesa: necessidades de adequação em níveis de letramento. **Revista Versalete**, Curitiba, v. 3, n. 4, p. 11-25, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol3-04/11MisaelLemes.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2020.

MALISKA, Mauricio E.; SOUZA, Silvana C. L. de. Os efeitos de sentido da ironia e do humor: uma análise das histórias em quadrinhos da Mafalda. **Recorte**, Três Corações, v. 11, n. 1, p. 1-10, jan./jun. 2014. Disponível em: http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/1495/pdf_27. Acesso em: 22 jul. 2020.

MENDONÇA, Márcia R. de S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (org.). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 209-224. NICOLAU, Marcos. As tiras de jornal como gênero jornalístico. **Revista eletrônica Temática**. s/l, n. p., fev., 2007. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2007/05.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

RAMOS, Paulo. Os gêneros das histórias em quadrinhos. In: **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: contexto, 2009. p. 15-30.

REZENDE, Breno R. M. P. R. **Hipergênero e sistema de hipergenericidade**: análise do funcionamento discursivo do *Facebook*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/20170/3/Hiper%C3%AAAnero%20e%20Sistema%20de%20Hipergenericidade.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2020.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. *In*: BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio *et al.* (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed., 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2018a. p. 7-29.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma alfabetização necessária. *In*: BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio *et al.* (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed., 4. reimp. São Paulo: Contexto, 2018b. p. 31-64.